Crise fortaleceu a Nação, diz Galvêas

por Cláudia Safatle
de Brasília

“A história vai mostrar os números negativos da economia como um pano de fundo, quando chegar o momento de avaliar o esforço que foi desenvolvido pelo atual governo para manter o País em ordem e assegurar a democracia e a estabilidade política e social, ao mesmo tempo que realizava o processo de ajustamento do balanço de pagamentos e a construção dos meios necessários para preservar a economia brasileira de maiores dificuldades e sacrifícios.”

Este é um trecho do discurso que o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, fará hoje em Salvador, por ocasião da comemoração dos 150 anos de fundação do Banco Econômico, controlado pela família Calmon de Sá.

Galvêas preparou um documento-balanço do que foram os cinco anos e meio de governo Figueiredo, no plano econômico e social, reiterando que, de 1979 a 1983, o País conviveu com “a pior crise econômica do século”, mas “é evidente, hoje, que o País está saindo da crise fortalecido em sua infra-estrutura, com uma dependência muito menor de fontes externas de financiamento”. O déficit em transações correntes do balanço de pagamentos caiu de US\$ 14,8 bilhões em 1982 para US\$ 5 bilhões neste ano e será de apenas US\$ 4 bilhões no próximo ano.

“Os problemas na área externa não estão inteiramente resolvidos, mas já estão adequadamente equacionados”, argumentará o ministro, lembrando que, ao longo desses últimos cinco anos e meio, o Brasil perdeu nada menos que US\$ 40 bilhões de recursos com os aumentos dos preços do petróleo e com os “injustificados” au-

mentos das taxas de juros internacionais. O ministro falará também sobre a resistência da queda das taxas de inflação, mas esta parte do pronunciamento ainda não estava concluída ao final da tarde de ontem.

GESTÃO

Galvêas procurará também alinhavar as conquistas da gestão do presidente Figueiredo no plano econômico e social. Assim, citará que a elevação da produção interna de petróleo foi de 166 mil barris diários em 1979 para 500 mil barris em 1984; a produção siderúrgica aumentou substancialmente, crescendo de 2,5 milhões de toneladas para 17,4 milhões de toneladas e foi de 27 mil quilômetros o acréscimo da rede de estradas pavimentadas.

Foram construídos, nesse período, 2,19 milhões de novas habitações e 1,14 mil municípios foram atendidos com infra-estrutura de água e esgoto. O número de alunos que frequentaram as escolas de 1º e 2º graus cresceu de 23,99 milhões para 26,71 milhões e, nas universidades, essa cifra elevou-se de 1,22 milhão para 1,63 milhão de alunos.

Galvêas citará, ainda, como indicador de melhora nas condições de vida da população, o aumento da longevidade do brasileiro, cuja média da expectativa de vida era de 59,1 anos e subiu para 65 anos, o mesmo ocorrendo com a taxa de mortalidade infantil, que teria caído, segundo os dados que listará hoje, de 91,5 em mil para 87,3 entre 1979 e 1983.

Apesar das secas e inundações, concluirá o ministro da Fazenda que a produção agrícola foi satisfatória. No início do governo Figueiredo o País produzia 36 milhões de toneladas de grãos, volume que cresceu para 46 milhões de toneladas em 1983.